

# Alargar a dívida

O GLOBO  
27 DEZ 1999

CRISTOVAM BUARQUE

**F**az um século que o Brasil vive alongando sua dívida. Chegou a hora de alargá-la.

O alongamento consiste em adiar as datas de pagamento das dívidas financeiras, vem sendo realizado desde o Império e o resultado é adiamento e aumento da dívida.

O alargamento consiste em considerar todas as dívidas que o País tem com o mundo e o seu povo. E procurar pagá-las a todas, atendendo ao interesse comum, nos limites da força política.

Quando se discute o alongamento da dívida, toma-se em conta apenas a dívida com os credores financeiros. Melhoram as condições de pagamento da dívida financeira, sem levar em conta a dívida com a população brasileira. Quando se busca o alargamento, levam-se em conta todos os credores: as crianças, os pobres, os desempregados, as mulheres, os negros, os índios, os sem-teto, sem-escola, sem-futuro, a dívida com a natureza e até com o sistema financeiro, também...

Alargar a dívida é estancar o calote de séculos com o chamado povo, sem dar calote nos credores financeiros, ainda que pudesse ser justo, porque em alguns casos esta dívida já foi paga muitas vezes.

O Brasil precisa considerar todas as dívidas, manifestar seu compromisso com todos os seus credores,

e desejo de pagar todas suas dívidas. Mas, obviamente, não terá recursos para pagar a todos no mesmo momento. Salvo se, inteligentemente, os credores financeiros lembrarem que são credores em outros setores também, e aceitarem trocar uma dívida por outra.

Além de dinheiro, o Brasil também deve aos seus credores financeiros um país com dignidade, sem pobreza ao redor, sem violência em frente, um futuro para seus filhos, a possibilidade de viajar sem ter que se justificar por causa dos incêndios em nossas florestas, das chacinhas de crianças, do abandono de nossa infância. Mesmo com os credores financeiros o Brasil tem um débito maior do que apenas a dívida que se deseja alongar. A dívida com os pobres não é apenas com os pobres, mas também com os ricos e as classes médias que vivem com vergonha, com medo, na incerteza.

Talvez não seja mais fácil alargar do que alongar a dívida, mas é mais decente e eficiente no longo prazo.

Para isso, é preciso trocar umas dívidas com outras. Com uma parte muito pequena do serviço da dívida financeira interna, o Brasil pode colocar todas suas crianças na escola, pode retomar o crescimento, reduzir substancialmente a pobreza. Isso interessa aos nossos pobres-credores-sociais e também as nossos ricos-credores-financeiros. Com uma diferença: os pobres-credores-

sociais nunca receberam qualquer pagamento e os ricos-credores-financeiros já vêm recebendo pagamentos por muito tempo; e uma semelhança: ambos vivem em um mesmo país em crise e sofrem as conseqüências do quadro degradado, em parte por causa do pagamento dos juros. E uma constatação: o dinheiro gasto com os pobres beneficia a todos, pela dignidade, pelo orgulho, pela venda de produtos, mas o dinheiro que vai para o bolso dos ricos lá fica.

O alargamento da dívida beneficia a todos, alguns por receberem o que têm direito para sair da pobreza, outros por receberem o direito de viver em um país sem pobreza.

Mas, não sejamos ingênuos. No Brasil, sobretudo entre banqueiros, há muitos Justos Veríssimos, o personagem de Chico Anísio que deseja que o povo se evapore, como faziam os nazistas na Alemanha com os seus excluídos. Por um egoísmo, burro, preferirão o apego a um único de seus créditos, esquecendo que têm outros créditos, imaginando que não precisam viver no Brasil, criarão o Brasil deles, em condomínios fechados, carros blindados, filhos ameaçados, ou vão morar no exterior, onde serão estrangeiros, vistos lá fora com a marca de culpa na pobreza que criarão. Estes se oporão a qualquer mudança nas prioridades nacionais, reagirão às difíceis negociações para o alargamento da dívida.

Se não percebem e não sentem o quanto eles pagam por causa da situação ao redor, por causa da pobreza no país, é porque eles não são brasileiros, não têm sentimento do Brasil, formam um novo tipo de nazistas. Se tratam o Brasil como se fosse a pátria de outros, e o povo brasileiro como se fosse estrangeiro a eles, assim também eles devem ser tratados.

É impossível saber de antemão quem terá mais poder, os que se opõem às mudanças de rumo do país, negando-se a considerar as outras dívidas, e querendo recebê-las integralmente, ao custo da mortalidade infantil, do desemprego, da miséria, ou aqueles que desejam mudar o Brasil e se propõem a uma renegociação, entendendo as vantagens de um alargamento da dívida.

Qualquer que seja o resultado desta luta, é preciso lutar. Não é possível mais um século de alongamentos da dívida financeira, ignorando e fazendo permanentes as demais dívidas com o nosso povo. Se ganharem, os Justos Veríssimos, os que nasceram no Brasil mas se consideram estrangeiros aos nossos problemas, as crianças vão continuar sem escolas, os adultos sem empregos, mas nós teremos ao menos cumprido nosso papel de lutar.

CRISTOVAM BUARQUE é ex-governador do Distrito Federal. Seu último livro é "A segunda Abolição" (Paz e Terra).